

BIBLIOTERAPIA- HUMANIZAÇÃO DO ESPAÇO HOSPITALAR NA INTERNAÇÃO PEDIÁTRICA

Rafaela Oliveira HAYGERTT ¹, Mareva Vitória Santos BARRES ², João Batista da Silva Goulart³
Ana Maria ACCORSI ⁴

¹ Bolsista InicieUergs, Curso de Letras: Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Unidade em Porto Alegre. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS); ² Bolsista Probex-UERGS, Curso de Letras: Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Unidade em Porto Alegre. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) ³ Aluno bolsista voluntário. Curso de Letras: Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Unidade em Porto Alegre. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS). ⁴ Professora Orientadora. Unidade em Porto Alegre. Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. (UERGS)
E-mails: rafaela-haygertt@uergs.edu.br;
mareva-barres@uergs.edu.br; joao-goulart@uergs.edu.br; ana-accorsi@uergs.edu.br

Resumo

O projeto de pesquisa denominado “Biblioterapia: Humanização do espaço hospitalar para crianças e adolescentes da ala pediátrica” atua na pesquisa com o objetivo de avaliar o papel da leitura e da contação de história na recuperação e no bem-estar dos pacientes da área pediátrica. O projeto faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica, Edital PROPPG 28/2018. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa é de cunho qualitativo, priorizando a vivência direta para a contação de histórias da literatura infantojuvenil adequadas à faixa etária dos pacientes da internação pediátrica do Hospital Materno Infantil Presidente Vargas (HMIPV), no município de Porto Alegre. Essas ações e coletas de dados são realizadas duas vezes por semana. Por meio da contação de história, dos livros e do espírito lúdico busca-se amenizar a experiência da internação hospitalar e tornar mais humano o ambiente que muitas vezes é pouco acolhedor.

INTRODUÇÃO

No momento da hospitalização, uma nova realidade se apresenta para a criança na qual mudanças de rotina são representadas pela presença de pessoas desconhecidas que, ao passo em que ofertam cuidados, antagonicamente produzem novas sensações, não raras vivências de desamparo. Ademais, há de se considerar que o adoecimento geralmente é percebido por essa população em crescimento como uma ruptura no processo normal do seu desenvolvimento, indesejado e capaz de mudar seu universo diário, além de acometer, indiretamente toda sua família e o círculo social em que vive.

Assim, pensando na criança e no adolescente hospitalizados, mesmo diante dos avanços de políticas humanizadoras do espaço hospitalar, é mister que se possa compreendê-los em suas necessidades a fim de contribuir para o seu desenvolvimento mental e cultural, minimizando as possíveis consequências de uma internação, tornando-a mais humana.

Por outro lado, sabe-se que a literatura se manifesta universalmente por intermédio do ser humano, e em todos os tempos, tem função e papel humanizador. O sociólogo e crítico literário Antônio Candido (1989), em seu ensaio “Direitos Humanos e literatura”, defende a ideia de que não há um ser humano sequer que viva sem alguma espécie de fabulação/ficção, pois ninguém é capaz de ficar as vinte quatro horas de um dia sem momentos de entrega ao “universo fabulado”.

Admite-se então, como hipótese, que a Biblioterapia, apresenta a possibilidade de a literatura desempenhar uma função terapêutica na medida em que alivia tensões e a pressão das emoções e pode auxiliar a criar um ambiente hospitalar mais acolhedor e humanizado.

METODOLOGIA

Os estudos preparatórios e a formação dos contadores iniciaram no primeiro semestre de 2018, a partir da submissão do trabalho ao comitê de ética tanto da UERGS quanto do Hospital (HMIPV). A partir da aprovação, começaram as visitas e as coletas de dados em 1º de novembro de 2018. No ano de 2018, foram realizadas cerca de 16 (dezesesseis) visitas ao HMIPV com contação de histórias e coleta de dados. No ano de 2019 o projeto continua com esta coleta de dados e observação.

Para o processo de contação de histórias, com os pacientes da ala pediátrica e da sala de espera do hospital, os pesquisadores são divididos em duplas a fim de desenvolver as atividades propostas para 01 (um) paciente, ou em pequenos grupos de até 5 participantes, dependendo da disposição do espaço (salas, corredores, macas, etc.) e do quadro de saúde em que se encontram as crianças e jovens internados.

Os pares ou equipes são enviados ao hospital um a cada dia da semana acordado, realizando de uma a seis sessões da dinâmica, com duração de aproximadamente 30 (trinta) minutos cada. Um membro da dupla faz, em sequência, o lançamento (momento em que o mediador canta uma música, emite sons e rimas) e a contação oral de uma história, ou a leitura individual de histórias utilizando-se de: livros da literatura infanto juvenil ilustrados, os quais foram previamente escolhidos em conjunto com a equipe da pesquisa e a professora orientadora; instrumentos lúdicos que complementam e representam imagicamente a história contada, como fantoches em E.V.A e T.N.T feitos artesanalmente, aventais personalizados com aplicações de personagens em feltro e velcro, mala de leitura, álbum seriado em folhas A3, entre outros.

Uma das partes mais importantes da pesquisa foi o diálogo com o paciente. Os pesquisadores aproveitaram para criar momentos de descontração e conexão com as crianças e familiares participantes sobre os elementos da narrativa apresentada nos momentos determinados da contação. Realizando, assim, a exploração e explicação da história. Ao final foi verificada e perguntado se gostaram da história – com a finalidade de verificar a adesão do grupo ao trabalho. A partir desta adesão então é possível verificar ou não a importância da literatura para humanizar o ambiente hospitalar.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com as atividades descritas e no fazer prático da realização deste estudo, pode-se comprovar a importância da contação de histórias, em suas diversas formas, para conectar seres humanos, humanizar espaços e transformar realidades. Durante a realização da pesquisa, foi constante o aprendizado e principalmente a percepção de que o contador de histórias é um agente de esperança. O consolo, mesmo que momentâneo, pode ser encontrado nas páginas dos livros ou ao se ouvir uma história.

Um dos principais aspectos analisados e que foi uma surpresa para os próprios pesquisadores é como a contação de histórias pode ser algo que contagia e cria novas perspectivas para aqueles que estão ouvindo esta história juntamente com os pacientes. Muitos acompanhantes demonstraram interesse em contar mais histórias, e até mesmo, em aprender mais sobre os aspectos técnicos da contação para poderem passar adiante as histórias ouvidas.

Também se pode verificar que além dos pacientes em si, os acompanhantes também usufruíam desse momento e, muitas vezes, até mesmo se envolveram com os contadores. Seja para incentivar os pacientes, seja por estarem da mesma forma envolvidos com a contação, esses acompanhantes e familiares se provaram parte essencial do processo de contação de histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato de uma pessoa, principalmente uma criança, ter que passar por longo período num hospital, sem nenhuma ocupação, isolada e afastada do convívio familiar a leva a um estado de estresse, e não só o doente, mas a família ou acompanhante também sofre esse desconforto. Ao refletirmos sobre o desconforto causado pelo processo de internação, este trabalho justifica-se pela necessidade de subsídios que favoreçam a promoção da prática biblioterapêutica, por meio de atividades que levem alegria para o ambiente hospitalar, de forma a melhorar a qualidade de vida das pessoas internadas.

Nesse viés, ao inserir em um espaço doloroso a expectativa de que o imaginário possa dialogar com a dor e que aspectos positivos e de esperança possam ser geridos neste contexto, a literatura se faz instrumento de estímulo à criatividade das crianças e jovens, além de incentivar o prazer pela leitura. Comprovou-se então, a partir da pesquisa realizada no ano 2018 que a prática da leitura como atividade terapêutica pode transformar o hospital num ambiente mais alegre, auxilia as pessoas hospitalizadas a superarem o medo, a dor e a se recuperarem mais rápido. Logo, a biblioterapia pode ser hipotetizada como uma contribuição terapêutica por minimizar o sentimento de angústia, isolamento fragilidade física e emocional decorrentes da internação hospitalar.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Tradução de Arlene

BRASIL. Lei nº 11.104, de 21 de março de 2005. Brasília: *Imprensa Oficial*, 2005.

BRASIL. Ministério da Justiça. Conselho Nacional da Criança e do Adolescente.

Resolução nº 41 de 13 de outubro de 1995 sobre os direitos das crianças e adolescentes hospitalizados. Brasília, 1995.

CALDIN, C *A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças*. Bibliotecom. Florianópolis: *Encontros Bibli*, n. 18, 2002. P. 72-89. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br//index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p72/5474>. Acesso em 01 dez 2018.

“*Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina*.” In: *Blibio*. Vol. 6, núm. 22 (enero-agosto). Lima: Aldana, 2005. P. 13-25. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=16102202>.2018.

CANDIDO, A. *Direitos humanos e literatura*. São Paulo: Brasiliense, p. 107-126, 1989.

COELHO, N. *Literatura Infantil: Teoria, análise e didática*. São Paulo: Ática, 1991. 247 p.

CORSO, D; CORSO, M. *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre; Artmed, 2006.

FRANCO, A. *Pobreza e Desenvolvimento Local*. Brasília: ARCA, Sociedade do Conhecimento, 2002.

KEHL, M R. “*A criança e seus narradores*.” In: CORSO, Diana; CORSO, Mário.

Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre; Artmed, 2006. p. 15-22
ONU. *Transformando nosso mundo: Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*. Disponível em <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030>.

PAULA, J. *Democracia e desenvolvimento*. In: *Aminoá-c-idos*, n. 01. Brasília: AED, 2001, p. 104-112.

UNICEF. *Declaração Universal do Direitos da Crianças*. Disponível em http://www.dhnet.org.br/direitos/sip/onu/c_a/lex41.htm. Acesso em 10 dez .2018.